

SALÚSTIO ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA

Laura Ribeiro da Silveira -(doutoranda em Ciência da Literatura,
Semiologia, UFRJ)

Resumo

O estudo que ora apresentamos é fruto do encontro entre as leituras realizadas ao longo do curso com o nosso objeto de pesquisa: *A Conjuração de Catilina*, de Gaio Salústio Crispo, historiador romano do século I. a.C. Nosso ponto de partida é a mitologia grega, pois ali encontramos as origens da memória e da história.

A proximidade entre ambas será retomada na modernidade, primeiro pela Escola dos Anales francesa e depois pela Micro-história italiana, a partir de teóricos como Jacques Le Goff, Pierre Nora, Marc Bloch, Fernand Braudel e Carlo Ginzburg, dentre outros.

Assim sendo, procuramos apontar algumas relações entre história e memória, enfatizando o estudo desta última, pela análise das obras *Matéria e memória*, de Henri Bergson, e *Dialética da duração*, de Gaston Bachelard.

INTRODUÇÃO

O estudo que ora apresentamos é fruto do encontro entre as leituras realizadas ao longo do curso com o nosso objeto inicial de tese: *A Conjuração de Catilina*, de Gaio Salústio Crispo, autor romano do século I. a.C.

Separadas por um arco de vinte séculos, as obras de Salústio e dos teóricos dos quais nos ocupamos aproximam-se ao refletirem a preocupação de seus autores com a memória, tema encontrado na literatura ocidental, pelo menos, desde os gregos.

Nosso ponto de partida é a mitologia grega, pois ali encontramos as origens da memória e da história, numa relação de extrema proximidade, em que Mnemosine (deusa da memória) é mãe de Clío (musa da história).

A obra de Salústio nos mostra que essa posição privilegiada da memória no panteão grego foi mantida pelos romanos em seus penates, através da preservação da memória dos antepassados, considerada a maior riqueza de uma família, e da confiança que depositavam na memória individual, fonte de conhecimento.

A tessitura do enredo se dá pelos encontros entre ficção e memória, mediados, em grande parte, pelo testemunho do autor, contemporâneo dos fatos narrados. A literatura em Roma no século I a.C. não conhecia ainda os grilhões que lhe seriam impostos pelos anos vindouros e abarcava com mãos generosas as mais diversas áreas do conhecimento sob um mesmo teto.

Na modernidade encontramos a aproximação entre história e memória primeiro na Escola dos Anais francesa e depois na Micro-história italiana. A partir das considerações de teóricos como Jacques Le Goff, Pierre Nora, Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel, Carlo Ginzburg e Georges Duby, dentre outros, estabelecemos nossa proposta de deslindar a

obra de Salústio, valendo-nos para tanto, ainda, do instrumentário encontrado na Ciência da Literatura.

Assim sendo, procuramos apontar aqui algumas relações entre história e memória, enfatizando o estudo desta última, a partir das análises desenvolvidas ao longo do curso, sobretudo das obras *Matéria e memória*, de Henri Bergson, e *Dialética da duração*, de Gaston Bachelard.

O trabalho se divide, pois, em três partes, as quais tratam respectivamente, da literatura em Roma – em que destacamos Salústio e a Conjuração de Catilina, das relações entre história e memória a partir da conceituação de ambas desde os gregos, e das considerações dos teóricos de que nos ocupamos sobre o tema da memória.

2. SALÚSTIO, A CONJURAÇÃO E A LITERATURA EM ROMA

Conjecturas e especulações abundam sobre a vida e a obra de *Gaius Sallustius Crispus*, político e historiador romano do século I a.C., talvez o primeiro a assumir consciente e publicamente a função de historiador. Gaio Salústio Crispo nasceu em Amiterno na Sabina, em 86(?)a.C. Não se sabe com que idade ou por quais motivos ter-se-ia mudado para Roma, mas aí juntou-se aos democratas – populares, chefiados por César. De família plebéia, tornou-se tribuno em 52 a.C.

Sabe-se, entretanto, que nunca desempenhou papel de primeiro plano na política, o que, aliás, era difícil no cenário dominado por César e Pompeu. Pode-se dizer apenas que, em 44 a.C. – ano da morte de Júlio César -, Salústio retirou-se da vida pública e dedicou-se à historiografia até ao fim da vida, talvez em 35 a.C.

O De coniuratione Catilinae parece ter sido escrito entre 43 e 41 a.C., quando os principais atores envolvidos no processo – Crasso, Pompeu, Catão de Útica, César, Cícero e o

próprio Catilina – estavam mortos. Esse dado nos permite acrescentar mais uma hipótese às tantas já existentes sobre a escolha de Salústio pela Conjuração como objeto de estudo, dentre tantos outros eventos também significativos para o declínio da República em Roma: Salústio se sabia testemunha – talvez a única viva e em condições de se dedicar à literatura – de um período extremamente conturbado da história de Roma. Ele estava entre os jovens que, à época da Conjuração, sonhavam com o poder, revoltavam-se contra as injustiças, dedicavam-se às artes e aos mistérios religiosos e interessavam-se pela filosofia ateniense. Esses fatos ficam no imaginário de toda uma geração, e é na maturidade e no afastamento da vida política que Salústio os retoma, ciente da tragicidade da situação que culminaria no fim da República.

A justificativa que o próprio Salústio nos fornece para a escolha do tema parece insuficiente, ou, no mínimo, modesta, dada a relevância do evento quando inserido no contexto mais amplo de uma análise histórico-político-social do período. Diz ele, ainda no prólogo da obra, no capítulo IV

:

*Igitur De Catilinae coniuratione quam uerissime potero paucis
absoluam; nam id facinus in primis ego memorabile existumo sceleris atque
periculi nouitate.¹*

Assim narrarei em poucas palavras sobre a Conjuração de Catilina, da maneira mais fiel possível, pois considero o evento memorável acima de todos, pela novidade do crime e do perigo.

¹ SALLUSTE. *Catilina, Jugurtha, Fragments des Histories*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. 12ed. Paris: Les Belles Lettres. 1980.

Ao longo da obra, entretanto, sobretudo pelas digressões, Salústio busca relacionar a conjuração com todo o processo de decadência que já se alastrava por Roma, tratando-a mais como consequência do que como causa da deterioração dos valores, costumes e instituições romanas.

Em Roma não havia, até então, a concepção de história como um gênero literário. Os analistas registravam os fatos ano a ano, de maneira global e, às vezes, fragmentária; as biografias encomendadas constituíam uma “literatura de conteúdo encomiástico e objetivo político”²; finalmente, os *comentarii* eram diários, anotações autobiográficas e memorialísticas. A monografia histórica é inaugurada em Roma por Salústio.

A vida literária em Roma desenvolveu-se, sobretudo, em um meio de alta cultura, nos chamados círculos literários, que agrupavam partidários de ideais e convicções políticas semelhantes, embora de classes sociais diversas.

GUILLEMIN afirma que a corrupção do regime pode ser estendida à literatura: à medida em que os círculos se fechavam, a obra se separava das preocupações do povo e a grande produção desaparecia. Esse fenômeno pode ter contribuído para a decisão de Salústio pela historiografia, não apenas como forma de narrar os fatos, mas, principalmente, de explicá-los.

3. HISTÓRIA E MEMÓRIA DESDE OS GREGOS

Para Heródoto, as narrativas de Homero constituem o *mythos* (discurso poético-mítico), pois são aquelas que mudam segundo quem as conta. Ao criticar Homero, o historiador opera, na verdade, uma ruptura entre dois tipos de narrativas: a mítica, lendária, sem cronologia possível, que remete ao tempo afastado dos deuses e dos homens, e a histórica,

² MENDONÇA, Antônio da Silveira. In: SALÚSTIO, G. S. *A conjuração de Catilina / a Guerra de Jugurta*. Introdução, tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes.

com referências cronológicas passíveis de serem encontradas, que trata do tempo mais recente dos homens. O pai da história foi, portanto, o primeiro a considerá-la a ciência dos homens no tempo.

Heródoto opõe, portanto o *logos* (discurso mais razão) ao *mythos*. Ele não usa a palavra história, cuja etimologia remete à palavra grega *histôr* (aquele que viu, testemunhou), que possui um radical comum (*id*) com o verbo latino *uidere* e com o grego *oída*, cujo significado duplo – ver e saber – enfatiza o papel do testemunho no relato histórico. No primeiro historiador grego encontramos um relato, uma narrativa que engloba os aspectos da realidade dignos de menção, de memória; ele fala daquilo que ele mesmo viu, ou daquilo de que ouviu falar por outros; privilegia a palavra da testemunha, a sua própria ou a de outrem, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo.

Em sua luta contra o esquecimento para a preservação da memória, percebemos a aproximação desta com a verdade, pois *alethéia*, palavra com que os gregos designavam a verdade, significa literalmente o não-esquecimento.

Tanto em Heródoto como, posteriormente, em Salústio, a posição privilegiada do narrador, mediadora e imparcial, que deveria assegurar tanto o seu poder como a sua objetividade, é sub-repticiamente minada pelo fluxo da narrativa. O valor desse fluxo só será (re)descoberto a partir de 1930, com os historiadores franceses da *Nouvelle Histoire* e, posteriormente, com os italianos da Micro-história.

Tucídides, entretanto, considerado o grande modelo grego de Salústio, rejeita a importância da memória, ressaltando a sua fragilidade. Para ele, lembranças e testemunhos estão condenados à subjetividade das preferências pessoais e à relatividade da memória.

A garantia da fidelidade está na imutabilidade do escrito ao fixar os acontecimentos, em Tucídides. Ele critica o papel da memória ao afirmar, ainda, que “as lembranças dos homens se adaptam a suas vicissitudes”.

É de Santo Agostinho (*Confissões*, Livro XI) a frase que melhor sintetiza uma apreciação do papel da memória:

“Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, aos passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígio”(XI, 18,23)

Este afastamento entre o fato e a narrativa, produzido sobretudo pela linguagem e pelos sentidos explica a escrita de Salústio, no que diz respeito à preocupação do historiador com a verdade, como podemos observar no seguinte trecho:

XVIII. “Sed antea item coniurauere pauci contra rem publicam, in quibus Catilina fuit; de qua quam uerissime potero dicam.”³

XVIII. Mas anteriormente, da mesma forma, uns poucos conspiraram contra a república, entre os quais estava Catilina, sobre o quê narrarei tão fielmente quanto puder. (grifos nossos)

³ SALLUSTE. *Op.cit.* p.30.

4. SOB OLHARES MODERNOS

A continuidade no fluxo memória - percepção, em que há intercalação do passado no presente, defendida por Bergson, para quem

“não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples ‘signos’ destinados a nos trazerem à memória antigas imagens.”⁴

parece refletir, sob alguns aspectos, a narrativa de Salústio, dada a relevância atribuída pelo autor latino a determinados aspectos do enredo, certamente aqueles que mais o impressionaram, ou aos seus sentidos. A forma pela qual Salústio percebeu a conspiração tornou-se lembrança e esta, por sua vez, nova forma de perceber a situação política de Roma, a partir de imagens que ele reteve e da superposição de passado e presente.

Assim, ao final do prólogo, Salústio anuncia seu projeto narrativo como fruto da pesquisa, da memória e da condição livre de seu espírito:

⁴ BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes. 1990.p.22.

*IV- (...) statui res gestas populi Romani carptim, ut quaeque memoria digna uidebantur, perscribere; eo magis quod mihi a spe, metu, partibus rei publicae animus liber erat.*⁵

IV. (...) decidi, colhendo aqui e ali, transcrever os feitos ilustres do povo romano, como aqueles que pareciam dignos de memória; vou mais porque para mim o espírito estava livre da esperança, do medo, dos partidos da república.

Apesar do aparente descomprometimento político, Salústio se mostra interessado nos “feitos ilustres” que ele próprio julga memoráveis. Não há isenção ou neutralidade, mas sim um limite imposto pelas escolhas. Consoante o pensamento de Bergson, Salústio não teria percebido o todo, mas um recorte contendo aquilo que o atraísse.

Assim como a imagem-lembrança se insinua na percepção atual para interpretá-la, o passado deixa o estado de lembrança pura para se misturar com o presente. Acreditamos ser o texto de Salústio fruto desta imbricação.

Podemos acrescentar agora um novo motivo aos já elencados para a escolha do enredo: a lembrança. Consideramos, para tanto, ainda com Bergson, que toda lembrança está ligada, por contigüidade, aos acontecimentos que a precedem e também àqueles que a sucedem. Assim, vinte anos após a conjuração de Catilina, a lembrança se atualizou em imagem presente e Salústio pôde perceber e relatar o passado.

Se considerarmos, ainda, que Salústio só se dedica à literatura após se retirar da vida pública e que o faz como forma de reflexão para o futuro, a partir dos efeitos da Conjuração na política de Roma, concordaremos, então com Bachelard, quando ele diz que "recordamo-nos

⁵ SALLUSTE. *Op.cit.* p.8

de uma ação mais seguramente quando a ligamos ao que a sucede do que quando a ligamos ao que a precede".

Em *A dialética da duração*, Bachelard afirma que um homem sozinho não tem memória nem necessita dela. Concordamos com a assertiva, sobretudo no que ela possa justificar a hipótese do testemunho para a escolha Salustiana, segundo a qual o historiador se sabia o último sobrevivente da época da conjuração de Catilina em condições de relatá-la à posteridade.

Ainda sobre a recordação, em Bachelard:

"só nos recordamos de algo, portanto, ao proceder a escolhas, ao decantar a vida turva, ao recortar f atos da corrente da vida para neles colocar razões. Os fatos prendem-se na memória graças a eixos intelectuais. (...) Não nos recordamos por simples repetição, na verdade, compomos nosso passado. (...) Para haver recordação tem que haver uma intenção presente.

"

Para ele, pois, é a partir de uma intenção que recortamos o que compõe nosso passado. A memória depende, assim, da razão para ser completa e eficaz, e do silêncio para se aperfeiçoar. Ela não se baseia na ordem temporal, mas constrói o tempo ao redor de um acontecimento de modo a fixá-lo no passado.

A defesa da existência de lacunas na duração nos parece bastante convincente, afinal concordamos que as ações estejam, a princípio, descosidas e que a continuidade seja sempre uma construção, não um dado.

Assim, a narrativa historiográfica de Salústio parece abarcar todas essas idéias, pois há o recorte, os eixos intelectuais que determinaram as escolhas, a intenção e, sobretudo, a composição do passado a partir do ponto de vista do historiador, que não procede a uma ordenação temporal dos fatos, mas constrói um relato verossímil, apesar das lacunas que comporta.

Não podemos falar em concluir um estudo que apenas começamos, entretanto, motivos de ordem espácio-temporal impõem os limites deste texto, o qual pretende servir de subsídio para a futura tese, fornecendo-nos, para tal, o ponto de partida, qual seja, a relação entre história e memória desde a mitologia grega, e um incipiente cotejo entre teóricos modernos e o historiador romano do qual nos ocupamos, Salústio.

5. BIBLIOGRAFIA

ARRIGUCCI Jr., Davi. *Móvil da memória*. In: _____. **Enigma e comentário**. São Paulo: Cia. das Letras. 1987, p.67-111.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. Trad. Marcelo Coelho. São Paulo: Ática. 1988.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes. 1990.

BRAGA, Rubem. **Casa dos Braga – memória de infância**. Rio de Janeiro: Record. 1997.

BRANCO, Lúcia Castello. **A traição de Penélope**. São Paulo: Anablume. 1994. (capítulos I e II)

DALPIAN, Laurindo. **As monografias de Salústio à luz da teoria historiográfica de Cícero**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP. 1994.

CHIAPPETTA, Angélica. "Não diferem o historiador e o poeta..." O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. *In: Língua e Literatura*, n.22, p.15-34, 1996.p.27.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Trad. Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem memória e história**. Rio de Janeiro: Imago. 1997.

PONTIGGIA, Giancarlo. *In: SALLUSTIO. La congiura di Catilina. A cura di Giancarlo Pontiggia*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore. 1992

MENDONÇA, Antônio da Silveira. Introdução. *In: SALÚSTIO. A conjuração de Catilina. A guerra de Jugurta*. Introdução e Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes. 1990.

SALLUSTE. **Catilina, Jugurtha, Fragments des Histories**. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. 12ed. Paris: Les Belles Lettres. 1980.

SARAIVA, F.R. dos Santos. **Dicionário latino-português**. 11ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier. 2000.

TANNUS, C. A Kalil **et alii. Literatura latina e realidade histórica**. *In: Calíope*. Ano III, n.4. Jan/Jun 1986.UFRJ.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história. Os protagonistas anônimos da história**. Rio de Janeiro: Campus. 2002